



Em defesa da greve como método de luta para defender as mulheres, contra o distracionismo da direção sindical burocrática e conciliadora

A direção da Apeoesp convocou uma Conferência de Mulheres para os dias 27 e 28 de abril, na cidade turística de Águas de São Pedro. A Conferência será realizada nos dias seguintes ao da Assembleia Geral da categoria, 26/04, em São Paulo. Uma Conferência de Mulheres, logo a seguir de uma assembleia convocada com indicativo de greve, deveria ser um momento de discussão e organização da luta pelas reivindicações gerais e femininas, a partir da greve. Para isso, deveria ser realizada em São Paulo, para fortalecer a convocação da assembleia geral, e a própria greve. A realização da Conferência numa estância turística longe da capital lhe confere um caráter distracionista em relação à necessidade da greve. Ao invés da Conferência servir como meio de fortalecimento da luta direta, que é o meio de conquistar as reivindicações, serve no sentido oposto, desvia parte das mulheres da luta geral, para certamente concluir na necessidade de ampliação da disputa institucional, legal e eleitoral, que, sabemos, não poderá responder aos reais problemas vividos pelas mulheres professoras.

Por isso, trazemos ao debate, anterior e presente à Conferência, a situação que vivem as professoras da rede estadual, e as respostas necessárias a isso.

O Secretário da Educação Paulista, em sua Live de 17/04/24, deixou clara sua satisfação com os resultados da aplicação de sua política educacional. Parabenizou a frequência superior a 80% nas escolas; a "mudança de cultura", com a Tarefa SP; o "apoio presencial" ao professor; o "Provão Paulista", com 90% de adesão; o "programa Multiplica". Prometeu ainda pagar em maio bônus de 2023.

Embora ele não tenha citado nessa Live, também é uma imposição a plataforma do "super BI", que aumentou o tempo de trabalho dos professores e professoras, os quais precisam dar respostas às tarefas dos alunos, que ficam em frente ao computador ou notebook, apenas para fazer login e às vezes realizar algumas tarefas da plataforma.

Citamos esses elementos a que está submetida a categoria, porque é composta por maioria de mulheres, que têm várias jornadas diárias, são a maioria entre os mais de 40 mil professores que ficaram sem aula, devido ao fechamento de salas,

inclusive no final deste bimestre, são dezenas de salas fechadas na diretoria de ensino de Mauá, e períodos inteiros nas escolas do Estado. E que não têm sido respondidos pelas direções sindicais da educação com a mobilização e luta necessárias.

A direção da Apeoesp, nos últimos anos defendeu a política parlamentar e judicial, para defender os direitos conquistados com lutas, depois dos anos de 1980, e conciliando com os governos, que sempre deixaram clara as políticas de destruição da escola pública. Até mesmo as reuniões com dispensa de ponto, que permitiam a organização de resistência da categoria, foram "negociadas", e atualmente o retrocesso das lutas enfraquece as mobilizações. No início do ano, os milhares de professores categoria O, sendo a maioria mulheres, estavam dispostas a denunciar e exigir as dezenas de direitos que o governo Tarçísio tem retirado. A assembleia do dia 8/3 foi adiada, para não ter unidade entre os professores e demais funcionários da prefeitura municipal de São Paulo. Dia 15/3, ocorreu a assembleia dos professores estaduais, e mais uma vez direção da Apeoesp e setores da oposição negaram as lutas diretas em unidade com os municipais, para combater a política educacional e o autoritarismo de Feder/Tarçísio/Republicanos. Durante o mês de abril, colocaram-se em prática as chamadas "caravanas", com objetivo eleitoral, sem que os professores pudessem participar – durante os horários em que estavam em sala de aula –, e por fim tem a Conferência Estadual das Mulheres, em Águas de São Pedro, para distrair as professoras. Para nós, mulheres professoras, estão colocadas as condições em que a defesa das condições de vida e de trabalho não se darão por meio das eleições, de disputa parlamentar, das negociações no campo dos ataques fixados pelos governos e capitalistas, nem da via judicial. Nossa enfrentamento tem de ser pela luta de classes, que se organiza com independência de classe, a partir da democracia operária. Através da organização dos oprimidos e todas categorias de trabalhadores, podemos unir as massas, para defender as condições de vida, trabalho e libertação de todas as formas de opressões sustentadas pelo sistema capitalista. ●